

## O MÉTODO PRAGMÁTICO DE CHARLES S. PEIRCE

Paulo H. S. Costa (Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/FAPEMIG)  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariluze Ferreira de A. Silva  
(Orientadora DFIME-UFSJ)

**Resumo:** O presente texto tem como objetivo e objeto de investigação explicitar o que Peirce entende por pragmatismo, a partir da discussão dos conceitos de crença, hábito, método e ação. Nesse sentido, nosso enfoque se dará no objeto primeiro do pragmatismo peirceano, i.é., em sua própria definição enquanto método de análise, ou critério de significação dos conceitos.

**Palavras-chave:** Pragmatismo. Método. Crença. Hábito. Ação.

### Considerações Iniciais

O pragmatismo é uma corrente filosófica americana dos primeiros anos da década de 1870, idealizada inicialmente pelos jovens pensadores de Cambridge (Massachusetts), que se encontravam regularmente para debater questões filosóficas, sobretudo, questões voltadas para a definição de crença de Alexander Bain<sup>1</sup>, que caracteriza uma crença como “aquilo com base em que um homem está preparado para agir” (BAIN *apud* WALL, 2007, p. 12). A partir da adoção dessa definição, alguns pragmatistas se enveredaram nessa temática dualista (crença

---

<sup>1</sup>.Psicólogo Escocês (1818 – 1903)., desenvolveu as suas investigações na Universidade de Aberdeen e influenciou o “clube metafísico” em seu início no que se refere à definição de crença como aquilo que leva ao agir.

e ação). Entre esses pensadores podemos destacar Willian James, Charles Sanders Peirce, Oliver Wendell Homes Jr e Nicholas Saint Green. Todos eles se autodenominavam como “o clube metafísico”, mas de forma irônica, uma vez que nos anos de 1870 a metafísica se mostrava em segundo plano nos Estados Unidos - maior expoente da filosofia analítica<sup>2</sup> -, e em algumas partes da Europa tempos depois, como por exemplo, no Círculo de Viena nas décadas de 1920 e 1930.

## 1. O pragmatismo enquanto método para Peirce

A princípio o pragmatismo como fora pensado por Peirce e Willian James, era expresso numa relação dualista - *teoria e prática, pensamento e ação e, sobretudo, significação e verdade*. Em uma concepção mais estrita, assim como fora proposto por Peirce, logo em seu início, o pragmatismo era pensado como um *método* ou *critério* de significação. “O que se deseja, então, é um método capaz de determinar o verdadeiro sentido de qualquer conceito, doutrina, proposição, palavra, ou outro tipo de signo” (PEIRCE, 1983, p.6). Esse

---

<sup>2</sup> A expressão *analítica* é um conceito relativamente novo em filosofia. Nos anos de 1870, vale destacar que não tínhamos essa expressão, muito embora ali nascesse uma nova forma de pensamento, sobretudo com Frege - autor contemporâneo à Peirce. O que de fato vale destacar é que Peirce em 1878 com seu artigo *How to Make Our Ideas Clear* insere um novo modelo de pensamento nos EUA chamado de pragmatismo. Uma vertente do pragmatismo que vai ao encontro da proposta como um todo refere-se à clarificação do significado dos conceitos. Ponto esse que de certa forma se aproxima da analítica. Não entraremos aqui em todos os pontos de aproximação entre a analítica e o pensamento de Peirce, até porque há pontos igualmente divergentes, apenas queremos salientar que muita das questões e abordagens pensadas pela analítica foram inicialmente pensada por Peirce. Atualmente a filosofia estadunidense tornou-se essencialmente uma filosofia analítica. Cf. SEARLE, John R. *Filosofia contemporânea nos Estados Unidos*. Tradução de Nicholas Bunnin e E.P. Tsui-James. In: Compendio de Filosofia. São Paulo: Vozes, 2005.

ponto se torna evidente pela máxima peirceana: “considerar que efeitos – imaginavelmente possíveis de alcance prático – concebemos que possa ter o objeto de nossa concepção. A concepção desses efeitos corresponderá ao todo da concepção que tenhamos do objeto” (*Idem*, 1975, p. 59)<sup>3</sup>. Em um primeiro momento é isso que iremos investigar, i.é., a definição de pragmatismo enquanto método ou critério para a análise dos resultados concebíveis esperados, ou seja, para os significados pragmáticos que temos, e que nos levam a agir.

Diferentemente do que a tradição filosófica nos apresenta, o pragmatismo em seu início com Peirce não era uma filosofia, e tampouco uma corrente filosófica, mas sim, um método ou critério de análise acerca dos significados pragmáticos, algo que se enquadrava mais como filosofia da ciência, do que um sistema filosófico propriamente dito. A adoção do pragmatismo enquanto corrente filosófica, só veio a ser concebida tal como a conhecemos atualmente a partir de William James. Nesse sentido, a pergunta que emerge de imediato se encontra no próprio *objeto* do pragmatismo, ou seja, concebendo que o pragmatismo é um método ou critério de análise, então o que seria necessariamente esse método? Todo método pressupõe um objeto, logo o pragmatismo é um método para investigar o que, qual seu objeto, e ainda como ele pode ou não influenciar nossas crenças? Essas são as perguntas que de início modelam nossa discussão. Para esclarecermos essa definição devemos ter em mente, a princípio, que pragmatismo não é investigação, mas inquirição<sup>4</sup>, i.é., se investigação é uma busca intencional que

---

<sup>3</sup> A máxima que o trabalho se pautou encontra-se no trabalho *Como tornar as Nossas Ideias Claras*, máxima desenvolvida em 1878. Cf. CP, 5.402; 5.2; 5.438; 8.201.

<sup>4</sup> Reproduzimos a nota de rodapé do tradutor Rodrigues, em *Sobre o pragmatismo*, p. 22. Segundo Rodrigues: “Traduzimos inquiry sempre por ‘inquirição’, para preservar a diferença com investigation, que traduzimos sempre por ‘investigação’. Essa diferença, na tradição pragmática, já é marcada por Peirce; com efeito, enquanto a investigação pressupõe uma busca

se baseia em alguns vestígios, a inquirição é por sua vez uma possibilidade de análise. Como o próprio Peirce destaca: “não podemos definir ciência como investigação, porque investigadores comumente têm objetos ulteriores e avaliam a verdade somente como um meio para a aquisição deles” (PEIRCE *apud* WALL, 2007, p. 22).

O pragmatismo enquanto método lógico - método de pensamento - é livre dessa determinação empregada à ciência que tenta enquadrar os seus resultados a campos teóricos pré-moldados. Sendo o pragmatismo um método lógico de análise dos conceitos, seu único objetivo é tornar nossas idéias claras, a partir daquilo que estamos em contato a todo tempo, i.é., a partir dos significados que afetam a nossa conduta. A essa exigência inicial do pragmatismo, cabe admitir que haja então um objeto que possa ser pensado e que exista de fato - ou seja, um mundo para fora do interpretante. Nisso Peirce se centra ao estipular sua máxima, pautada em quatro desdobramentos iniciais, a saber: *método/critério de significação; significado, conseqüências práticas e objeto*.

Como pensado inicialmente, o pragmatismo sendo um método - *meta-odos*, através de, ou por meio de, um caminho ou estrada -, necessita de um *objeto* de análise. O método da máxima centra-se na experiência<sup>5</sup>, centra-se no fluxo cognitivo em que a experiência está envolvida. I.é., “o que a experiência gradualmente faz é, e por uma espécie de fracionamento, precipitar e filtrar as falsas ideias, eliminando-as e deixando a

---

determinada por algum vestígio, a inquirição é uma atividade aberta, que não pressupõe uma busca por algo definido; é um perguntar a fundo, idéia que está presente na própria etimologia da palavra”.

<sup>5</sup> Experiência em Peirce possui acepções muito próprias. Primeiro, refere-se às categorias do pensamento; segundo, ao “resultado cognitivo do viver” (CP, 1.426). A experiência em seus mais diferentes níveis - primeiridade, secundidade e terceiridade -, conduz o sistema peirceano desde a Fenomenologia até a Metafísica.

verdade verter em sua corrente vigorosa.” (CP, 5.50) <sup>6</sup>. O objeto para o qual a experiência se volta é o mundo, precisamente as coisas ou objetos. Entretanto esse mundo, e propriamente “os objetos” - os viventes, desde a pedra, até o céu -, possuem em Peirce uma estrutura própria, independente, e dizem respeito à própria ontologia do real. O objeto refere-se em Peirce ao *não-ego*, àquilo que se entrepõe, que resiste, que não é abarcado, pelo *ego*. Essa estrutura ego e não-ego, i.é., primeiridade e secundidade, consciência e mundo, expressa o próprio movimento em que a máxima fora formulada. Ou seja, como podemos asseverar a respeito do significado de qualquer objeto, sendo que esse objeto é para a consciência pura resistência, pura alteridade? Imerso nesse problema onto-lógico que Peirce, vêm a formular a máxima, dando-a possibilidade de se apoiar na experiência para fazer a mediação - terceiridade - entre objeto e significado.

É esse o sentido mais amplo do pragmatismo, um método de análise que tem como objeto o significado dos conceitos, “um método de pensamento” (PEIRCE *apud* IBRI, 1992, p. 102 (CP, 8.259)), que se põe entre o objeto e seu significado. O maior pressuposto de Peirce em relação a seu método está estratificado na asserção de que muitos problemas filosóficos e termos filosóficos não possuem um significado devidamente instituído, e isso implica em um empecilho para a própria filosofia, uma vez que muito de seus problemas e conceitos não são resolvidos porque não se têm clareza a respeito deles. Tendo essa dificuldade em vista, é dada a filosofia o papel de se livrar desses velhos pré-juízos, através de uma análise da própria experiência. A análise proposta por Peirce é descrita mediante a relação crença, dúvida e hábito.

---

<sup>6</sup> Seguindo a ordem proposta pela Harvard Press, seguimos o mesmo parâmetro nas citações, em que CP refere-se à *Collected Papers*; o primeiro número ao capítulo; segundo, ao parágrafo.

## 2. A construção da crença no pensamento de Peirce

O método pragmático peirceano de análise dos significados dos conceitos só é passível de ser pensado, em decorrência de sua discussão sobre a fixação da crença, que é encontrada em seu artigo *A fixação das crenças*<sup>7</sup>. Nesse artigo, Peirce aponta o que representa para o pragmatismo e para a sua filosofia tornar uma crença fixa, e qual a relação com o nosso agir. Segundo Peirce, crença não se confunde com a dúvida, muito pelo contrário, ambos são estados da mente diferentes.

A dúvida é um estado desagradável e incômodo, de que lutamos por libertar-nos e passar ao estado de crença; este é um estado de tranquilidade e satisfação que não desejamos evitar ou transformar na crença em algo diverso. Pelo contrário, apegamo-nos tenazmente não apenas a crer, mas a crer no que cremos. (PEIRCE, 1975, p. 77)<sup>8</sup>.

Em Peirce, crença e dúvida são estados diferentes, mas que se relacionam, uma vez que pela dúvida procuramos a obtenção de uma crença. Entretanto, a crença não nos leva a agir, diferentemente de Bain, que afirma que a crença é aquilo com base em que um homem está preparado para agir. Em *A fixação das crenças*, Peirce faz essa distinção claramente: “a crença não nos leva a agir de imediato, mas nos coloca em situação tal que, chegada a ocasião, nos comportaremos de certa maneira.” (*Idem*). Nesse sentido, a dúvida por sua vez não tem efeito ativo isolado, ela apenas nos estimula a indagar até vê-la ser destruída. O estímulo da

---

<sup>7</sup> Cf. PEIRCE, Charles Sanders. *A fixação das crenças*. Tradução de Octanny Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1975, p. 71-92.

<sup>8</sup> Cf. também CP, 5.372.

dúvida leva-nos a atingir um esforço para se chegar a um estado de crença. Esse esforço é denominado dentro do pensamento de Peirce como *inquirição*<sup>9</sup>. O estado de crença como exposto é um estado seguro, e nos possibilita agir dada a situação necessária, essa possibilidade não está nela mesma exposta (crença como ação), mas sim, se apresenta como um parâmetro que dada à situação certa de exercê-la se mostra presente. Peirce ressalta a influência do estado de crença nessa relação na citação abaixo:

É certo que, em geral, raciocinamos corretamente por força da própria natureza. Isso é, porém, acidental; a conclusão verdadeira continuaria a ser verdadeira, ainda que não nos sentíssemos inclinados a aceitá-la; e a conclusão falsa permaneceria falsa, ainda que não pudéssemos resistir à tendência de nela acreditar. (*Idem*, p. 74).

Quando nos propomos a inquirir a respeito de algo, fazemos isso em detrimento de um estado de dúvida e não de crença. Isso ocorre, porque o estado de dúvida vai de encontro com a nossa crença, ou seja, com aquilo que mantemos como certo. E como estamos a todo o momento sendo bombardeados por crenças diferentes das nossas, estamos conseqüentemente a todo o momento exercendo o hábito que a crença criou dentro de nós, a fim de que com isso possamos assegurar às nossas crenças. Por isso, Peirce afirma que, a conclusão verdadeira continuaria a ser verdadeira, ainda que não nos sentíssemos inclinados a

---

<sup>9</sup> No trabalho *A Fixação das Crenças*, tradução de Leônidas Hegenberg e Octanny Silveira, encontra-se à palavra *investigação*. “A esse esforço denominamos *Investigação*, embora eu deva admitir que, por vezes, tal designação não se mostra muito adequada” (PEIRCE, 1975, p. 77). Optamos por manter a palavra *inquirição*, devido ao que pontuamos na nota de rodapé 4 de Rodrigues, em que ele resgata a distinção entre *investigação* e *inquirição*.

aceitá-la, o mesmo ocorre com a conclusão falsa, dada a dimensão da crença diante a dúvida.

### 3. Hábito e consequências práticas

A crença reveste a natureza de um hábito<sup>10</sup> essa asserção é o ponto pelo qual podemos pensar na crença enquanto possibilidade de ação. Em Peirce, agimos porque estratificamos hábitos dentro do nosso mundo, num processo de manutenção do hábito pela crença. A crença em Peirce é um estado de estabilidade seguro, que cria hábitos internos, que nos levam a agir quando apresentada uma situação em que o hábito é ferido. O hábito no pensamento de Peirce é caracterizado como a fixação da crença, pelo qual estamos apoiados, e que a todo tempo é testado de forma voluntária e involuntária, justamente porque não é necessariamente a crença que nos leva a agir, mas sim, a constante manutenção da crença pelo hábito.

Em resumo o pragmatismo de Peirce é um método ou critério para determinar o significado dos conceitos, mediante a sua fixação da crença, pelo intermédio do hábito<sup>11</sup>. O hábito é aquilo que nos leva a agir, pela posição de que o que verdadeiramente conhecemos é aquilo que nos afeta de tal modo que só podemos agir e defender algo dessa ou daquela forma em específico.

Nessa óptica, a máxima pragmática de Peirce afirma que o significado de qualquer conceito nada mais é do que a soma total de suas consequências práticas concebíveis; podemos observar a partir da afirmação (soma total de suas consequências práticas concebíveis), o método pragmático de Peirce, que se mescla com o hábito. Vamos pensar no exemplo do diamante, e em seu significado de DUREZA. Para

---

<sup>10</sup> SANTAELLA, 2004, p. 82. “O hábito é um princípio guia, uma força viva, uma orientação geral que conduz nossas ações, sem aprisioná-las em uma moldura fixa”.

<sup>11</sup> Este hábito é intelectual.



Peirce, o pragmatismo está interessado no conceito de dureza e não na durezidade, a essência do duro, modelo ideal<sup>12</sup>, ou qualquer outra denominação metafísica. O pragmatismo tenta entender o conceito tal como ele é, a fim de livrá-lo de qualquer predicação desnecessária. Nesse sentido, quando Peirce pretende inquirir a respeito do conceito de dureza, ele já tem em mente uma consequência prática concebível, i.é., algo que é rígido, que não se desgasta, que é duro. Isso é fruto do hábito criado pela crença.

#### 4. Relação entre Significado e Objeto

Quando à máxima se propõe a perguntar a respeito do significado, deve-se entender que o significado buscado é um significado meramente intelectual. Isto porque, como nos diz a própria máxima que “considerar que *efeitos* – imaginavelmente possíveis de *alcance prático* – concebemos que *possa ter o objeto* de nossa concepção. A concepção desses efeitos corresponderá *ao todo* da concepção que tenhamos do objeto” (*Idem*, p. 75). Intenta-se aqui evidenciar que a soma total de todas as consequências práticas que envolvem o significado do objeto observado, constitui o próprio objeto. Ora, se o objeto é o não-ego para um ego - consciência -, em que este objeto apenas se apresenta presente, como posto - um posto ontológico à consciência -, é necessário que para essa consciência em seu mover-se-á conhecer o objeto, faça uma mediação. Faça uma generalização do que constitui eventualmente esse objeto.

---

<sup>12</sup> O objeto do pragmatismo é a clarificação do significado. O modelo ideal, ou aquilo que Peirce chama de *ideia geral*, diz respeito à própria constituição ontológica do objeto, que é para o significado, a sua *matriz eidética*. O objeto sendo o não-ego, põe-se como um posto ontológico à consciência, que através da terceiridade *reconhece* a generalidade, continuidade, síntese, representação dessa matriz no significado. Com isso, podemos dizer que aquilo que se busca “dureza”, já se encontra presente no significado, pois diz respeito à própria constituição eidética do objeto. Cf. Dentz e o argumento da *forma-xícara*.

Esse é o sentido mais radical da máxima, que assegura na *generalidade*, na *ideia geral*, reconhecida pela mediação - terceira - , o significado intelectual do objeto, que uma vez sendo uma totalidade de nossa compreensão sobre ele, constitui o próprio objeto.

O significado de qualquer conceito é fruto da relação objeto e hábito, dado que toda ação pressupõe a expressão de um pensamento. Peirce concebe que:

Para determinar o sentido de uma concepção intelectual devem-se considerar as consequências práticas pensáveis como resultantes necessariamente da verdade da concepção; e a soma dessas consequências constituirá o sentido total da concepção. (1983, p. 7).

A soma das consequências constituiria o significado do conceito, justamente porque os significados dos conceitos que temos são fruto de hábitos gerais, ou seja, hábitos pragmáticos apoiados pela nossa compreensão intelectual do objeto.

Idealismo objetivo de Peirce -, a interconexão entre a mera possibilidade e sua restrição é alcançada graças à existência ontológica de uma matriz mental de hábitos intrínseca a – e que confere estabilidade ontológica a – virtualmente tudo aquilo que existe no mundo. (DENTZ, 2009, p. 2).

Os efeitos esperados acontecem de acordo com o que conhecemos e esperamos do objeto, isso porque há uma correlação - pensamento e objeto -, não uma adequação, mas, sim uma construção que parte do objeto enquanto *matriz*

*eidética* da constituição do hábito, que é reconhecido pelo interpretante que o pensa. Aqui chegamos a uma questão chave para se entender o pragmatismo de Peirce e sua relação com o método:

O pragmatismo é uma doutrina correta apenas na medida em que se reconhece que a ação material é o mero aspecto exterior das ideias... Mas o fim do pensamento é a ação na medida em que o fim da ação é outro pensamento, [e]... das duas implicações do pragmatismo, de que os conceitos são dotados de propósito e que seus significados residem em suas concebíveis consequências práticas, a primeira é a mais fundamental. Penso, não obstante, que a doutrina seria suficientemente *estropiée* sem o último ponto. Por "prático" quero dizer apto a afetar a conduta; e por "conduta", ação voluntária que é autocontrolada, ou seja, controlada por deliberação adequada. (PEIRCE *apud* IBRI, 1992, p. 98).<sup>13</sup>

Segundo Peirce, os resultados pragmáticos que esperamos dos objetos se encontram na nossa compreensão intelectual dos objetos, sendo os hábitos gerais um parâmetro de avaliação que diz respeito diretamente à natureza desse objeto. Esses resultados são frutos de nossa compreensão dos objetos, que nessa medida, são a própria expressão do pensamento. O interpretante, i.é., aquele que pensa esse significado *reconhece* a generalidade expressa nos resultados concebíveis através do hábito. Por isso, o pragmatismo, assim como ficou conhecido enquanto relação *pensamento-ação*, é pensado como uma teoria pragmática ou utilitária. Sendo que

---

<sup>13</sup> Cf. CP, 8.272 e 8, 322.

na verdade a única relação entre ação e pensamento que Peirce tenta evidenciar é a de que toda ação pressupõe um pensamento que o constitui, isso dentro de um sistema em que o hábito reveste a natureza de uma crença que por sua vez constitui o significado do objeto<sup>14</sup> pensado. O método pragmático pode ser expresso nessa passagem: “A essência de uma crença é o estabelecimento de um hábito; e crenças diferentes são distinguidas pelos diferentes modos de ação a que dão origem” (*Idem*, p. 101).<sup>15</sup>

## 5. Considerações finais

A partir das discussões levantadas acima, podemos verificar que o pragmatismo assim como fora proposto por Peirce está intimamente ligado com o nosso mundo ordinário, em especial, naquilo que se refere ao agir pela convicção do que às coisas são, através do que esperamos delas – de seus resultados concebíveis esperados. Como levantado no prólogo do texto, o pragmatismo era um método ou critério para se definir e inquirir a respeito daquilo que temos de imediato como certo, e que estamos em contato a todo o momento. Dessa forma, Peirce quando defende que agimos, porque esperamos através dos hábitos gerais resultados pré-moldados, exemplifica toda a temática em que se insere o pragmatismo nascente. E nesse sentido, distancia o pragmatismo da visão utilitarista imposta a ele.

Dentro desse movimento teórico, pontuamos também a proposta pragmática do método peirceano que se funda na análise dos resultados concebíveis esperados que se apresentam enquanto crença e que são mantidos pelo hábito, algo que é uma influência direta de seus estudos sobre a

---

<sup>14</sup> O significado do objeto, na medida em que diz à totalidade das conseqüências práticas – i.é., na medida em que é o resultante cognitivo do fluxo da experiência -, refere-se àquilo que ele é. A totalidade é o próprio objeto, o significado é o objeto, mesmo que sob algum aspecto.

<sup>15</sup> Cf. CP, 5.398 e CP, 4.53.

filosofia da ciência e da lógica. O significado, por sua vez, é o resultado desse processo que tem como matriz eidética o objeto e tudo aquilo que o constitui, na medida em que se refere diretamente a ele - conceito de dureza no exemplo do diamante -, mas, que para se constituir necessita de um interpretante que pense esses resultados – que pense a mediação, generalidade, síntese entre o objeto e seu significado. Já que o significado é constituído em uma relação triádica – ego, não-ego e generalização. Logo, o pragmatismo se insere como o modo imediato de tornar claro todo conceito, fazendo com que retornemos ao hábito que esse conceito cria em nossas mentes, formando assim seu significado, que é nesse sentido, a expressão do pensamento lógico do interpretante, que consegue reconhecer - não criar -, nas várias possibilidades que circundam às consequências práticas esperadas do objeto, aquelas que verdadeiramente constituem o seu significado. E o torna apto à ação, i.é., a está dentro de um movimento de apropriação por outro pensamento. É esse o sentido mais íntimo entre pensamento e ação em Peirce - movimento, fluxo *in futuro* de reapropriação - e que expressa à proposta do método pragmático, junto à clarificação das ideias – como tornar claro as nossas ideias.

## Referências

CORNELIS, de Wall. *Sobre pragmatismo*. Tradução de Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Loyola, 2007.

IBRI, Ivo Assad. *Kósmos Noéticos: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

DENTZ, René Armand. Percepção e Generalidade em Charles Peirce. Revista *COGNITIO-ESTUDOS*, São Paulo, V. 7, nº1, p. 19-25, jan./jun.2010.

\_\_\_\_\_ A Percepção Sensorial e o Pensamento Metafísico: uma inspiração Peirceana. *Revista Redescrições*, São Paulo, V.1, nº1, p. 1-15. 2009.

HOUSER, Nathan; KLOESEL, Christian (Ed). *The essential Peirce: selected philosophical writings*. Bloomington: Indiana University, 1992

PEIRCE, S. Charles. *Escritos Coligidos*. Tradução de Armando Mora D'Oliveira e Sérgio Pomeranglum. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Os Pensadores).

\_\_\_\_\_ *Semiótica*. Tradução de José Teixeira Neto. São Paulo: Perspectiva, 1977.

\_\_\_\_\_ *Semiótica e filosofia*. Tradução de Octanny Silveira da Mota e Leônidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1975.

\_\_\_\_\_ *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Vol. I-VI. C. Hartshorne et Paul Weiss (eds), Vol. VII-VIII Arthur Burks (eds.) Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1931-1958. (Edition Electronic).

SANTAELLA, Lúcia. Contribuições do pragmatismo de Peirce para o avanço do conhecimento. *Revista de Filosofia*, Curitiba, v. 16 nº18, p. 75-86, jan./jun.2004.